

Os Poemas de Moisés Neto

pele escritor e filósofo Ednaldo Isidoro

Moisés Neto, sua literatura – música dançante no cinema da vida – esculpe a pintura da própria essência retratada no teatro de sua história. Moisés é Literatura: ela sendo ele é sua senhora. Querem a prova? Então vejam quando ele resolveu abandoná-la. Não conseguiu. Ele estava lá escrevendo as palavras da renúncia, debruçado sobre o papel com a sua caneta. Pronto! A Literatura se fazia presente na carta. A vida dele, registrada nesta *Passagem* em poemas e contos, faz-nos – à medida que vamos andando pelos poemas – participantes dela. Transeuntes nesta obra, Moisés nos dá dois mandamentos para que possamos compreendê-la: abre bem os “*Teus Olhos*” e fique atento até chegar “*A Hora e o Lugar*” – princípio e fim de uma autobiografia inovadora: vida através da poesia. Ao posicionar os poemas na linearidade do tempo, vamos flagramos o autor criança, adolescente, jovem e adulto através de suas análises da realidade e de sua introspecção.

“*Teus Olhos*” e “*Lobos*” constituem a infância de Moisés. O primeiro mostra-nos o momento de encontro com o amor e a decepção que veio tão cedo, mas tão urgente. Tudo isso resumido nas características explícitas do *ser* que o aprisiona e o faz verter forças, loucura e fome, em penumbra gradiente, êxtase suprimido, faminto, à mercê de calmos lobos soltos que têm apetite pelos seus olhos, todos os lobos. Quem são estes *lobos*? E por que eles só comeram os seus olhos? Nós mesmos os animais que lemos Moisés Neto. O autor quer revelar o dualismo na arte. O radical ‘*calm*’ está presente nos dois poemas que, como já falei, denotam a infância do autor. Assim, formando palavras com este núcleo semântico, Moisés faz-nos conhecer que a seu desejo de permanecer calmo não é atingido.

O autor ao quebrar as regras, cria uma nova regra e por isso, ele continua o *ciclo selvagem* do poema agora arrancando os olhos dos lobos, que outrora comeram os seus.

“*Canto Liso*”: como na história sagrada do Moisés *Libertador*, que vê a situação dos hebreus escravos no Egito, o Moisés Neto Criador em sua história viva também observa a vida dos esquecidos e vivos súditos pernambucanos do eleito *Sidarta*. Tudo em “*Canto Liso*” é começo. *Chuva* – água, *vapor* – ar, *ruas* – terra, *sol* – fogo, *mulheres e crias* – o homem, *anjos* (demônio) – pecado, líquido pastoso e ventres férteis (sexo) – a queda, *não morriam* – a expulsão do Paraíso e ao invés da mítica folha cobrindo os sexos, *o cheiro de cravo no corpo*.

Eis como é a narração da queda na *Passagem* de Moisés Neto, que também reflete o seu afastamento do Paraíso em “*Um Momento que se Perde*” – lembrança do rosto que se tornou Deus. E essa divindade tem anatomia humana. Não! Não! Não é nenhum deus grego. É o rosto brasileiro da essência (amor, prazer e medo). Medo de se entregar à loucura (o “suor frio” expresso no corpo e “suando frio” pelo rosto daquele cujos ossos que o sustentam não foram capazes de deixá-lo ereto). Moisés caiu. Sucumbiu ao veneno da tarântula.

Pseudônimo da paixão, **“Tarântula!”** é a personificação concreta da face oculta do poeta. Ora ele envenena deixando febre e delírio, ora ele veste a armadura e monta no seu cavalo voador, Pégaso, para juntar e recompor os seus próprios sonhos – quando diz que é “neblina do sonho de alguém” – que foi despejado.

Isso se comprova em **“Plenitude”**, quando vemos a relação entre os versos “...*que voa despreocupado em sue galope...*” e “...*parece um galope...*”. Mas aqui o desejo de estar com sua “musa” está na ‘montanha’, pois ao que parece ele percebeu que duas montanhas poderiam (?) permanecer eternamente lado a lado. Entretanto, elas nunca poderão se juntar enquanto uma das duas não ceder, morrer. Ele relacionou os fenômenos da natureza: só a ação do vento, do sol e das águas é que pode uni-los. Pois, *a morte leve...* traz o néctar nascente da esperança.

Palavra-chave do **“Licor”**: Delírio – *A luz branca e efervescente* de que relata o poema não ilumina, ofusca e faz cair ou ainda só ilumina uma parte da lua – inspiração para os amantes. Desespero - *Luz branca... o ar extraía luz/ a forte luz.../ Licor*. Metáforas da mesma coisa silenciadas nas palavras e transmitidas em silêncio que migraram para o poema seguinte.

A inquietação pela necessidade de amar e por não amar veio-lhe como um turbilhão de questionamentos sobre a sua existência. Pura filosofia que desvendou o mistério da iniquidade quando provou que o dinheiro de sua carteira não foi parar nas mãos estendidas do pedinte. Moisés Neto aqui vive a sua criação. Não era um súdito, era o próprio príncipe da Índia que largou seu palácio e foi viver como mendigo que procurava amor. Pois teve muitos amores, mas agora não é amado. O semblante da musa desapareceu naquela que **“Era Uma Tarde Quente de Verão e Coca-Cola”**. Porém, o recifense atingiu o ápice da purificação ao escrever que *“cada passo é a prova de que ainda vivemos”*. Em **“A Mais Doce Alucinação”**, como se fosse um poema continuado, Moisés Neto vai reclamando a paixão não correspondida ao lembrar as tentativas de sedução e revelando as mesmas inquietações somadas às alucinações do outro – projeção do seu mistério. Moisés Neto, vive uma descrença? Talvez essa dúvida inspirada pela **“Trindade”**, que quer confundir e deixar bem claro que os “os três parados” não é a tríade cristã, faz com que ele fale da Trindade num tom inquietante – “à espera de um Deus” – para salientar a imparcialidade divina, que não se sensibiliza com os vermes do Mundo Complicado.

Divindades e Deidades esquecidas, ele volta ao mundo dos mortais que amam solitários. Mas não por muito tempo, pois o amor está sempre de volta cada vez que a mente, pelo simples ato de pensar, torna o que está distante em presença. E com ele vem a sua atmosfera, aquela mesma lua com sua cor de **Platina**. Esta imagem da lua que mais uma vez aparece nos poemas de Moisés torna perceptível que os momentos românticos de sua vida são mais intensos à noite – tempo bom pra romances. Com isso, a comparação entre o canto do amado que o afaga e o gorgolejar das corujas era inevitável. Nisto, como não sentir o silêncio gritante da escura saudade, que o faz relutar (“registro sinistro”) e debruçar-se sobre os corpos espalhados da lembrança?

Lembrança de **“Dois Corpos”** que se tornou real. O amor enfim chegou na vida do jovem. Aquilo que ele tanto esperava está com ele. Não há mais lamentações. Os perigos de

amar devolvem-lhe a vida. Jovem realizado. Todavia, esta alegria não durou muito. Em **“Imagem Noturna”**, um conto em versos, o amor vai embora em lágrimas e bebedeiras. O amor que quis procurar outros afagos. Que o realizassem mais. Levando o outro à exaustão da vida.

Visitando a antiga casa abandonada, transformada em ruínas, o passeio pelo poema **“Sem Gente”** dá ao leitor a suposição que o nosso poeta está nas andanças da vida para revitalizar suas forças. Mas, não seria a casa velha sobre a montanha o seu próprio ser? E o entrar nela, a sua introspecção?

Uma viagem solitária. Ninguém o acompanha. É crise decisiva para tentar dissipar a frustração que o persegue, que lhe rouba a vida ao deixar tudo em preto e branco no **“Furta-Cor”**.

Transição. Esta é a palavra que marca **“Para Dormir no Escuro”**. Pois “o laço frouxo – esperança” do **“Furta-Cor”** realiza-se na mudança feita por quem observava a nova moradia. Entretanto, também fica explícito que ele se ainda não adquiriu a nova *casa* – queria se esquecer da velha casa **“Sem Gente”** – haveria de transformar o seu *casulo barroco* para poder dormir em paz. **“Mormaço”**, traduzindo “Os Pássaros” para o significado real: os sonhos. Assim, fazendo a ligação pássaros / sonhos, vemos que os sonhos de Moisés Neto, no poema, estão se acabando à medida que os pássaros não voam. Então ele perpetua-os, renova-os, transforma-os não em simples pássaros, mas em metáforas de Fênix.

Porque o autor desta *Passagem* por um instante se esquece de suas três identidades concêntricas. Ele em **“A Breve Imagem de Um Homem”** faz da ficção uma verdade ou será o inverso? Na sua poética o eu-lírico sente muita vontade de rir da própria desgraça denotativamente deixa visível que não deseja ver as suas mazelas. Eis porque ali, querendo rir e já com um riso reprimido, ele põe a máscara do profissional, do artista.

A esta altura todos já se deram conta de que a *Passagem* de Moisés Neto remete-nos ao nosso próprio passado e presente nas nossas inquietações – também presente no poema **“Heaven”**.

Nele a solidão se expressa fortemente: o jovem errante transmuta-se no silêncio, na companhia de alguém. os **“Lobos”** que comeram os seus olhos o vêem n no divã. Fazem-no um regresso à uma infância mítica. trazem loucuras. Poderiam dizer **“Teus Olhos”**? Seriam mesmo jovens comportados? Mesmo com o quebrado juramento de ser um jovem comportado quebrado, *o trem* percorre os trilhos das ilusões em **“Vagão - I”**, cheio de superficialidades odiadas, falsas juras de amor, iguais às coisas e às pessoas. Vida: vagão com paredes de vidro incolor como cristal. O cristal como metáfora da personalidade do autor.

“A Imagem do Silêncio”: introspecção profunda, que *retrabalha* sofrimento ao descobrir que dentro de si mesmo as fases da sua existência navegam entre a busca do equilíbrio na sua tumultuada lira. O poeta queria livra-se das lembranças que o atormentavam principalmente quando ele homologava em frente ao espelho.

Faz da poesia seu espelho e como Picasso fragmenta o que vê e o que presente: Deus, o Universo, a Terra, a Vida, o Homem, a si mesmo como numa caça ao tesouro. O sonho de um desejo antigo que perdura por toda a sua juventude e que está batendo a porta de sua vida buscando, como no poema **“Bar”**, o hall de acesso à uma nova *fase*.

Os três poemas – *“Revolução”*, *“O Monstro”* e *“Balada no Janga”* – são respectivamente o encontro com algo novo, uma luta desigual e uma suposta vitória conta o monstro que está no centro de tudo.

Em *“Revolução”* o eu- poético vai ao encontro da esperança, ao que parece, mas desperdiça tudo: sonhos, trabalho, pessoas. A revolução o faz fugir da realidade. E ele é o filho inesperado, o estopim da alegria ou melancolia. Quer o êxtase que ela lhe proporcionava. Refúgio para uns, sonhos pelo chão para outros. Aborto, casamento, goles e gozos. Deste modo, *“O Monstro”* (imagem selvagem de sua natureza que é manipulada por alguém), abre a jaula do monstro que é o espinho na carne do autor – ele não queria tê-lo nem sê-lo. Mas este monstro que nasceu com ele, desenvolveu-se e continua atormentando-lhe especialmente na intimidade de sua casa. Por esta razão, Moisés nos apresenta a fase de suas viagens pelo mundo. Parece que ele desejava deixar o monstro no seu país. Mas o tal indesejado acompanhante é sua própria sombra e por isso ele vai abrir as fronteiras das paixões ardentes como um intercâmbio de sensações.

As viagens apenas o levaram para perto de outras realidades: concreto e razão – e esta última por sua vez o lançou contra a muralha de sua consciência. Longe, o nosso turista é o filho pródigo da norma culta. Deseja voltar para casa parece implorar: *“Quero voltar ao meu Marco Zero onde o mundo começa no Recife”*. Recife seu primeiro e último mundo.

O monstro está espremido em dimensões geográficas e espirituais. Nem no teatro Moisés conseguiu escapar. O personagem sorri para o nosso viajante. Porém, ele encontrou uma saída: transformar o monstro em inocente. Não conseguiu e teve a satisfação. Mas o dominado está desesperado e tenta justificar a sua fragilidade ao diminuir a credibilidade das interpretações que a sua escrita possibilita. Tarde demais. O seu monstro é sexo. Está agora na outra pessoa, na matéria, na sua frente.

A sua felicidade desde a concepção, parece ligada à sua própria caverna e não há abismo que o elimine, poema que o acabe, arma que o mate. Se o Monstro for mesmo invencível enquanto Moisés viver travará o bom combate, disso parece não haver como escapar. Resta-lhe resistir, chamar a Literatura.

“Balada no Janga” é a narração da vitória mosaica contra aquele que o atormentava. Mas esta vitória não significa morte e sim domínio. O poeta se arrisca e os seus aliados se manifestam. Estavam do lado dele. É assim que termina a fase do jovem adulto.

“Graça”, a lira da morte, parece-nos o nascimento do homem que lida com a crueldade e insensibilidade humana mesmo quando não há mais palavras para descrevê-las e ele pede ao leitor que, como Graça, suspire, transpire, respire, se vire. Sua poesia é dura demais.

E a arte? A perversa: é o *“Gato Preto em Céu Azul”* – soneto que salienta a inocente armadilha do desejo.

Em *“Folhetim”* pressuponho ébrio uma miscigenação da cultura pernambucana ou até simplesmente final de um romance *proibido*. É verdade. A arte imita a vida. Quase que eu engolia essa de ficção como verdade.

Já em “**Roma**”, o elo que este dramaturgo usa é o próprio amor, que na contradição da cidade imortal, ele se vê dentro da história da arte e deste modo parece viver num eterno barroco. A sedutora e charmosa Roma lhe faz esperar a hora tão triste. É a história do passado de Moisés, cuja família veio da Itália no final do século XIX: os Belli. Impérios, jogos, monumentos, basílicas, praças, religião, catolicismo, Vaticano, Deus. Moisés é tudo isso enquanto passeava pelo jardim do *amoR* a procura da mais perfeita criação. Ele não encontra. E vai sem vergonha de ter cometido um crime contra os céus. O Neto do verdadeiro Moisés está perdido. É estrangeiro na terra da própria família, das suas raízes. Ele não teme seu momento de êxtase, tal qual santa Terezinha do Menino Jesus. Mas teve o seu breve instante. Ímpar. Sem igual. A vida lhe deu o roteiro. Seu filme estava na tela do cinema mundial que todos os cegos puderam ver. *RomA* não era mais a mesma. O seu *amoR* não era um simples amar. Ah! *Dolce Vita*, deste ao transeunte a *Passagem* para o beijo tão esperado.

“**Ode ao Livro**”. Que livro? O livro da sua vida, história contada para si mesmo por não poder contá-la a ninguém. Ninguém merece ouvi-la. E é gozado, não é? Perguntas também permeiam este irmão de “**Lobos**”. O que está por traz do *vinho escuro*, de *Deus* e das *maravilhas* no quarto? E *crucificam, perigo, serpente* e *sangue* na sala? É aquele mesmo monstro que o perseguiu. Ele está querendo voltar ao comando. O livro restaurou as suas forças e fez parte dele quando sentiu sem lê-lo. Ficou dentro das páginas para que o outro também pudesse tê-lo. E assim, sendo um verme rasteiro, o leitor seria o veneno e o soro para a ficção de Moisés Neto, que aqui revela outra categoria para os seus lobos – suas paixões compulsivas e desordenadas, típica característica do jovem eterno.

“**Agnus Castus**” – um poema-personagem de Moisés Neto que inspira outra ficção. E como em um ofício eclesiástico, traduzo aqui: um jovem descobre sua vocação sacerdotal e se tranca no mundo do seminário. E já renunciando ao sexo, ele resiste às tentações da carne. O seu poder está no mar divino, onde ele busca pelo barco da oração e do altruísmo-caridade a força de manter-se seguro na tempestade que o Mestre acalma.

Ele, casto cordeiro, nascido numa família pobre. E por ter esta condição, o medo de estar seguindo o caminho errado que o atormentou: ‘Será que estou querendo ser padre pra livrar minha família da miséria?’ E a resposta só veio quando ele visitou seus pais e viu a

realidade: ‘Eu sei que fui chamado e sou chamado por Deus. O povo está precisando. Escutei a voz divina através do clamor do povo. Eu sou o Moisés do meu tempo.’

Foi após essa conclusão que o seminarista seguiu na companhia do Cordeiro de Deus. E assim ele foi ordenado padre, tornou-se um referencial para os outros presbíteros, modelo para os jovens e doutor da Igreja – quando foi eleito e consagrado bispo. Assim, ele chega ao episcopado como exemplo de vocação. Tão humilde ele era, que deu a sua comunidade o privilegio de ser conhecida por todos quando ele foi escolhido para ser o Sumo Pontífice em Roma. Deste modo, o antepenúltimo verso se concretiza. Deus sabia que ele chegaria até o fim.

“*A Hora e o Lugar*” é a sinopse da vida deste literato. Pois neste poema *flashes* de toda a sua história foi registrada fazendo dos momentos e das palavras decifradas as chaves de sua literatura. Aqui ele procurou ninguém e achou o monstro, encontrou uma paixão e a perdeu, encontrou outras e mesmo assim continuou só. Este poema também é uma carta. Uma carta ao ninguém de Odisseu. Pois ninguém quis conhecê-lo. Ninguém lhe revelou ficção, apenas verdades. Mas ele não quis entender e planejou a sua própria morte. Mas não perdeu; não morreu. Ninguém perdeu.

Foi assim, nesta guerra sem vencedores, que a arte superou a vida e a ficção, a realidade. Constrói. Destrói. Reconstrói. Tudo é verdade. E ela proporciona que a autor viva em seu livro. Os personagens estão vivos nas páginas da ficção. Só ali ela é verdade. É isso que Moisés nos mostra, apesar de relutar consigo mesmo. Ele tem a revelação e sabe que a ficção da arte é verdade.

E para fazer jus a esta afirmação, já que vocês estão na fronteira do mundo de Moisés Neto, virem a página e andem lentamente para perceber as maravilhas da vida dele exposta aqui em *Passagem*.

Boa Viagem!